

MENEGHETTI, Maria Luisa; Segre, Cesare; Tavani, Giuseppe, *Cinco Ensaíes Circum-Camonianos*, (Coord. e trad. de Rita Marnoto), Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, “Estudos Camonianos, 10”, 2012, 118 p. ISBN: 978-989-98092-2-2.

Na sequência do programa editorial do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos sedado em Coimbra, a especialista em estudos italianos e consagrada camonista Rita Marnoto traduziu para português e coordenou a publicação de *Cinco Ensaíes* de crítica literária da autoria de três especialistas de reconhecido renome internacional, e cujo título batizou acrescentando-lhe o epíteto *Circum-Camonianos*.

A edição é enriquecida com uma excelente introdução da autoria de Rita Marnoto, que resume e enquadra o conteúdo dos cinco ensaios, de modo que o leitor encontra já aí uma notícia e apreciação de conjunto que equivale a uma excelente recensão.

Por isso limitar-me-ei a algumas considerações complementares.

A designação “circum-camonianos” foi muito bem pensada porque exprime exatamente o objetivo desta coletânea, que é reunir não apenas textos que analisem temas de conteúdo declaradamente camoniano, mas também estudos abrangentes que circundem, por assim dizer, a obra de Camões e permitam, segundo as palavras de Rita Marnoto, “alargar as fronteiras do saber e da erudição de Luís de Camões até territórios cada vez mais vastos”, muitos deles ainda hoje mal explorados ou de todo desconhecidos.

Está neste caso o *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, que é objeto do primeiro destes ensaios, um texto até aqui inédito e intitulado “*Orlando Furioso*, canto VIII. O jogo do verdadeiro e do falso”, da autoria da professora da Universidade de Milão, Maria Luisa Meneghetti. Sendo Ariosto credor referenciado por Camões em *Os Lusíadas*, no jogo dialético entre a fixação e a realidade que condimenta a epopeia portuguesa, ainda há muito que fazer na pesquisa desta aproximação camoniana ao poema do autor italiano, como este estudo deixa entrever.

O segundo ensaio, da mesma autora Maria Luisa Meneghetti, com o título “Palácios subterrâneos, amores proibidos”, apresenta o resultado de uma pesquisa feita dentro de variada literatura medieval, sobre este tema dos amores proibidos envolvendo figuras palacianas e ambientes soturnos, o que lhe permite fazer uma aproximação explícita ao episódio dos trágicos amores de Pedro e Inês do canto III de *Os Lusíadas*.

A Cesare Segre, famoso filólogo e crítico literário, professor em Pavia e em muitas universidades estrangeiras, se devem os ensaios terceiro e quarto desta coletânea. No terceiro, um texto inédito sobre “Viagens neste mundo e no outro”, evoca os movimentos migratórios e o nomadismo que sempre determinaram a vida dos homens, tece considerações sobre a motivos da viagem e classifica-a em duas categorias: a viagem centrípeta, que traz o viajante de regresso à pátria abandonada, e a viagem centrífuga, que o leva a descobrir novas terras e desvairadas gentes e a experimentar novas vidas. É neste quadro que Cesare Segre concede uma especial referência à viagem de *Os Lusíadas*. Passa depois a falar das diferentes motivações das viagens, de caráter comercial, religioso e cruzadístico, e das viagens ao Além ou da sobrevivência das almas, das aparições e visões e do mundo da escatologia em geral, e da abundante literatura que, de formas diferentes, recolhe esta matéria.

O quarto ensaio, com o título “Três questões sobre *Os Lusíadas*” contém as declarações do mesmo Cesare Segre acerca de três assuntos relacionados com a epopeia camonianiana, apresentados sob a forma de pergunta e resposta. Na primeira questão confrontam-se *Os Lusíadas* com o poema de Ariosto e a *Gerusalemme Liberata* de Torquato Tasso e com os poemas homéricos, para estabelecer semelhanças e diferenças de conteúdo e forma. A segunda questão tem a ver com as características que definem e diferenciam o herói de *Os Lusíadas*, que Cesare Segre não reconhece em Vasco Gama, que “é apenas um executante. É o rei que, de Portugal, leva a cabo a sua empresa *por meio do Gama*”. A terceira pergunta é a da interpretação semiótica da Ilha de Vénus dos cantos IX e X, à qual Cesare Segre responde dizendo que a resposta é dada pelo próprio Camões pela boca de Tétis: e transcreve a estrofe 82 do canto X, em que fica esclarecida a pura ficção literária daquela ilha encantada, para cuja imaginação o poeta se serviu do maravilhoso da mitologia clássica.

O quinto e último ensaio é da autoria de Giuseppe Tavani, professor jubilado da Universidade “La Sapienza” de Roma, que nele fala sobre “Os cancioneiros foragidos da Península Ibérica”, isto é da circulação dos cancioneiros, completos ou fragmentários, da poesia medieval em todo o espaço ibérico, questão que interessa aos estudos camonianos na medida em que Luís de Camões possa ter tido conhecimento do seu conteúdo.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

universidade de coimbra

stpinho@fl.uc.pt

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_67\\_29](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_29)